



AIT: Manifesto de lançamento

Karl Marx

Manifesto de lançamento da Associação Internacional dos Trabalhadores fundada a 28 de setembro de 1864, em ato público realizado em St. Martin's Hall, Long Acre, Londres .¹

Trabalhadores:

É um fato incontestável que a miséria das massas trabalhadoras não diminuiu entre 1848 e 1864 e, no obstante, esse período não tem paralelo no que diz respeito ao desenvolvimento da indústria e à expansão do comércio. Em 1850, um órgão moderado da burguesia britânica, mais bem informado do que a classe média, predisse que se as exportações e as importações da Inglaterra aumentassem de 50 por cento, o pauperismo Inglês desceria a zero. Céus!, a 7 de abril de 1864, o chanceler do Erário deleitou seus ouvintes parlamentares com a declaração de que o total das importações e exportações da Inglaterra haviam aumentado em 1863 “para 443 955 000 libras!, soma extraordinária, equivalente a cerca de três vezes o total das trocas verificadas no período relativamente recente de 1843!” Com tudo isso, ele mostrou-se eloquente sobre a “miséria”. “Pensai exclamou naqueles que se encontram à beira desse abismo”, nos “salários.., que não foram aumentados”; sobre “a vida humana... que na esmagadora maioria dos casos não passa de uma luta

1 Depois que a Liga Comunista deixou de existir, liquidada pelos golpes da reação, Marx e Engels continuaram sua propaganda pelo Ideal da solidariedade proletária internacional, e reuniram as forças revolucionárias para a criação de um ativo partido internacional do proletariado. Essa organização surgiu em 1864, sob a direção de Marx e à base do crescente movimento operário nos principais países da Europa. Em Marx a Primeira Internacional encontrou um dirigente de gênio, tanto em teoria como na prática.

As dificuldades de direção dessa organização manifestaram-se desde os primeiros dias de sua existência. Sua tarefa consistia em unir os movimentos operários que apresentavam níveis diversos de desenvolvimento – dos diversos países, organizar a unidade de ação dos vários elementos, superar suas tendências sectárias e elevar o movimento operário a um nível mais alto. Essas dificuldades fizeram-se sentir desde a elaboração do projeto de programa e dos estatutos da Internacional. (V. carta de Marx a Engels, de 4 de novembro de 1864)

O objetivo da Associação Operária Internacional será fundir em um enorme exército todos os elementos ativos da classe operária da Europa e da América... Tinha que ter um programa que não fechasse a porta às associações de classe (*trade-unions*) inglesas, aos proudhonistas franceses, belgas, italianos e espanhóis, e aos lassalleanos alemães. (Prefácio de Engels para a edição alemã de 1890 do *Manifesto Comunista*)

Era necessário tomar em consideração que o movimento em geral não atingira ainda um nível suficientemente alto, sem contudo sacrificar princípios ou retroceder um só passo de seu aspecto universal. “Foi muito difícil formular a coisa de modo que nossos conceitos aparecessem de maneira aceitável do ponto de vista atual do movimento operário... Levará tempo até que o movimento, renovado, permita a antiga audácia de linguagem.” (Marx a Engels, em 4 de novembro de 1864)

Todas as sugestões de Marx foram aceitas pela subcomissão eleita, para redigir o Manifesto e os Estatutos.

“Fui obrigado, porém, a inserir duas frases sobre ‘dever’ e ‘direito’ no Preâmbulo dos Estatutos, Idem ‘verdade, moralidade e justiça’, mas foram colocadas de maneira que não podem causar nenhum mal.”

O Manifesto de Lançamento destaca-se imediatamente depois do *Manifesto Comunista* como um dos mais importantes documentos do proletariado internacional. (N. da R.)

pela sobrevivência!” Não se referiu ao povo da Irlanda, gradativamente substituído por máquinas, no Norte, e por pastos para a criação de carneiros, no Sul. Embora mesmo os carneiros estejam diminuindo naquele desgraçado país, se bem que não tão rapidamente quanto os homens. Não repetiu o que acabara de ser indiscretamente revelado pelos mais altos representantes dos dez mil membros da alta classe, tomados de súbito ataque de pavor. Quando o pânico produzido pelos “estranguladores”² atingira uma certa intensidade, a Câmara dos Lordes ordenou a abertura de um inquérito e a publicação de um relatório sobre o desterro e o trabalho forçado. O crime veio à luz no volumoso Livro Azul de 1863, e ficou provado, por fatos e cifras oficiais, que o pior dos criminosos condenados, que os forçados da Inglaterra e da Escócia, trabalhavam muito menos e passavam muito melhor do que os trabalhadores agrícolas destes países. Isto, porém, não era tudo. Quando, em consequência da Guerra Civil Americana, os operários do Lancashire e de Cheshire³ foram postos na rua, a própria Câmara dos Lordes mandou aos distritos industriais um médico com o encargo de averiguar a quantidade mínima de carbônio e de nitrogênio – a ser aplicada da forma menos dispendiosa e mais simples que, em média, seria suficiente para “evitar moléstias decorrentes da Inanição”. O dr. Smith, o emissário médico, verificou que 1400 gramas de carbônio e 66,5 de nitrogênio eram a dose semanal que conservaria um adulto médio., no grau mínimo de isenção de doenças provenientes da inanição, observando, ademais, que aquela quantidade cozi’ feria quase que exatamente com a alimentação escassa a que a pressão da extrema penúria reduzira de fato os operários dos cotonifícios⁴ Mas, observai bem! O mesmo douto facultativo foi mais tarde encarregado pelo delegado médico do Conselho Privado de investigar a situação alimentar das classes trabalhadoras mais pobres. Os resultados de suas pesquisas estão contidos no *Sexto Relatório Sobre Saúde Pública*, publicado por ordem do Parlamento durante o ano em curso. Que descobriu o doutor? Que os tecelões da indústria seda, as costureiras, os luveiros, os operários da indústria de meias, e assim por diante, não recebiam, em média, nem mesmo ração de fome dos operários dos cotonifícios, nem mesmo a quantidade de carbônio e de nitrogênio “estritamente necessária para impedir as moléstias decorrentes da Inanição”.

“Além disso – citamos o relatório – no que concerne às famílias da população agrícola, apurou-se que mais de um quinto dispunha de uma quantidade de alimentos carbonados menor do que a estimada suficiente, que mais de um terço dispunha de uma quantidade de alimentos

2 Estranguladores — Assaltantes que agiam nas ruas, agarrando suas vítimas pela garganta e estrangulando-as. Seus ataques aumentaram a tal ponto em Londres em princípios de 1860 que provocaram pânico, e o Parlamento foi compelido a adotar uma lei especial a respeito. (N. da R.)

3 Em conexão com a Guerra Civil Americana em princípios de 1860. a Indústria têxtil Inglesa atravessou uma severa crise devido à falta de matéria-prima: as importações dos Estados do sul dos Estados Unidos, que eram os únicos fornecedores de algodão, foram suspensas como resultado da guerra e do bloqueio. (N. da R.)

4 Não precisamos lembrar aos leitores que, além dos elementos da água e certas substâncias inorgânicas, o carbônio e o nitrogênio constituem as matérias-primas do alimento humano. Contudo, para alimentar o organismo humano, esses simples elementos químicos têm que ser fornecidos sob a forma de substâncias vegetais ou animais. As batatas, por exemplo, contêm principalmente carbônio, ao passo que o pão de trigo contém substâncias carbonadas e nitrogenadas na proporção devida, (Nota de Marx)

nitrogenados inferior à estimada suficiente e que em três condados (Berkshire, Oxfordshire e Somersetshire) a insuficiência de alimentos nitrogenados constituía a média da dieta local.” “Cumpre lembrar – acrescenta o relatório oficial – que a privação de alimento é suportada com grande relutância e que, via de regra, a grande pobreza de dieta só advém depois de outras privações... Mesmo a higiene é considerada dispendiosa e difícil, e se, por uma questão de amor-próprio, ainda são feitos esforços para mantê-la, cada esforço desses representa torturas adicionais de fome.” “Estas são reflexões penosas, principalmente quando se considera que a pobreza a que se referem não é a pobreza merecida, decorrente da ociosidade; em todos os casos é a pobreza de populações laboriosas. De fato, o trabalho em troca do qual se obtém ração de fome é, na maioria dos casos, excessivamente prolongado.” O relatório revela o fato estranho e bastante inesperado de “que das partes em que se subdivide o Reino Unido”, Inglaterra, País de Gales, Escócia e Irlanda, “a população agrícola da Inglaterra”, a parte mais rica, “é evidentemente a pior alimentada”; mas mesmo os lavradores mais pobres de Berkshire, Oxfordshire e Somersetshire alimentam-se melhor do que a maior parte dos operários especializados dos estabelecimentos industriais do leste de Londres.

Estas são declarações oficiais publicadas por ordem do Parlamento em 1864, durante o “milênio” do comércio livre, na época em que o chanceler do Erário anuncia à Câmara dos Comuns que “a condição média do trabalhador britânico progrediu em grau que sabemos ser extraordinário e sem paralelo na história de qualquer país ou de qualquer era”. Em face dessas congratulações oficiais, o comentário seco do relatório oficial sobre saúde pública produz um efeito destoante: “A saúde pública de um país significa a saúde de suas massas, e as massas dificilmente gozarão saúde se não desfrutarem pelo menos de um bem-estar mínimo, que atinja inclusive as camadas menos favorecidas.”

Deslumbrado com as estatísticas do *Progresso da Nação* que dançam diante de seus olhos, o chanceler do Erário exclama com arrebatamento Infrene: “De 1842 a 1852 a renda tributária do país aumentou em seis por cento; nos oito anos compreendidos entre 1853 e 1861, aumentou de 20 por cento! O fato é surpreendente ao ponto de ser quase incrível!... Esse extasiante aumento de riqueza e de poder – acrescenta Mr. Gladstone – restringe-se exclusivamente às classes possuidoras.”

Se quiserdes saber sob que condições de alquebramento físico, vilipêndio moral e ruína mental esse “extasiante aumento de riqueza e de poder adstrito exclusivamente às classes possuidoras” era e está sendo produzido pelas classes laboriosas, olhai o quadro exposto no último *Relatório sobre Saúde Pública* com relação às oficinas de alfaiates, impressores e costureiras! Estabelecei um confronto com o *Relatório da Comissão de Trabalho Infantil* de 1863, onde se declara, por exemplo, que: “Os ceramistas como classe, tanto os homens como as mulheres, representam uma população grandemente degenerada, tanto física como mentalmente”, que “as crianças doentes transformam-se em pais doentes”, que “a degeneração progressiva da raça é

inevitável”, e que “a degenerescência da população de Staffordshire seria ainda maior se não fosse o constante recrutamento levado a efeito nas regiões adjacentes e o cruzamento com raças mais saudáveis”. Lançai um olhar ao Livro Azul de Mr. Tremeneer sobre os “Sofrimentos de que se queixam os padeiros”! E quem não terá estremecido diante da declaração paradoxal feita pelos inspetores de fábricas, e ilustrada pelos dados demográficos oficiais, de que os operários do Lancashire, embora sujeitos a uma razão de fome, estavam na realidade melhorando de saúde em vista de seu temporário afastamento dos cotonifícios, causado pela carência de algodão, e que a mortalidade Infantil estava diminuindo porque as mães podiam finalmente amamentar os filhos ao invés de ministrá-los o restaurador de Godfrey!

Vejam novamente o outro lado da medalha. O relatório referente ao imposto de renda e de propriedade, apresentado à Câmara dos Comuns a 20 de julho de 1864, mostra-nos que entre 5 de abril de 1862 e 5 de abril de 1863, 13 pessoas engrossaram as fileiras daqueles cujas rendas anuais são avaliadas pelo coletor de impostos em quantia igual ou superior a 50000 libras, pois o número destes últimos aumentou só naquele ano de 67 para 80. O mesmo relatório revela o fato de que 3000 pessoas dividem entre si uma renda anual de cerca de 25 000 000 de esterlinos, muito mais do que o total da renda anualmente distribuída entre toda a massa da população agrícola da Inglaterra e do País de Gales. Abri o recenseamento de 1861 e verificareis que o número de proprietários de terras do sexo masculino na Inglaterra e no País de Gales diminuiu de 16934 em 1851 para 15066 em 1861, de maneira que a concentração da propriedade territorial aumentou de 11 por cento em 10 anos. Se a concentração da propriedade territorial nas mãos de um punhado de indivíduos continuar avançando em proporção idêntica, a questão agrária ficará extraordinariamente simplificada, como foi no tempo do Império Romano, quando Nero viu ao descobrir que seis pessoas possuíam metade da Província da África.

Tratamos assim extensamente desses “fatos surpreendentes ao ponto de serem quase incríveis” porque a Inglaterra encabeça a Europa comercial e Industrial. Recordemos que há alguns meses atrás um dos filhos de Luís Filipe, refugiado na Inglaterra, congratulou-se publicamente com o trabalhador agrícola Inglês pela superioridade de sua sorte sobre a de seu camarada menos favorecido do outro lado do Canal. De fato, mudando-se as cores locais e em escala algo reduzida, os fatos ocorridos na Inglaterra reproduzem-se em todos os países Industriais e progressistas do Continente. Em todos eles verificou-se, a partir de 1848, um desenvolvimento industrial nunca visto e uma expansão sem precedentes das importações e exportações. Em todos eles “o aumento de riqueza e de poder exclusivamente restrito às classes possuidoras” foi deveras “extasiante”. Em todos eles, como na Inglaterra, uma minoria do operariado recebeu um pequeno aumento de seu salário real; mas na maioria dos casos o aumento nominal dos salários não representa um aumento real do bem-estar, nem mais nem menos do que o aumento do custo da manutenção dos internados no asilo de pobres ou no orfanato de Londres, de 7 libras, 7 xelins e 4 pence que custava em 1852,

para 9 libras, 15 xelins e 8 pence em 1861, em nada beneficia estes internados. Em toda parte, a grande massa do operariado caía cada vez mais baixo, pelo menos na mesma proporção em que os que se encontravam acima dela subiam na escala social. Em todos os países da Europa, tornou-se agora uma verdade comprovada por todo espírito imparcial – e só negada por aqueles cujo interesse é manter os outros num paraíso ilusório – que não havia aperfeiçoamento de maquinaria, aplicação de ciência à produção, inovação nos meios de comunicação, novas colônias, emigração, abertura de mercados, comércio livre, nem tudo isto somado, que pudesse acabar com a miséria das massas trabalhadoras; mas que, sobre as bases falsas que hoje existem, todo novo desenvolvimento das forças produtivas do trabalho têm forçosamente que tender a aprofundar os contrastes sociais e aguçar os antagonismos sociais. Durante essa época extasiante de progresso econômico, a morte por inanição tornou-se quase uma instituição na metrópole do Império Britânico. Essa época está assinalada nos anais da história do mundo pela repetição cada vez mais freqüente, pela extensão cada vez maior e pelos efeitos cada vez mais mortíferos da praga da sociedade denominada crise comercial e industrial.

Depois do fracasso das revoluções de 1848, todas as organizações e publicações partidárias do operariado do Continente foram esmagadas com o punho de ferro da força. Os elementos mais esclarecidos da classe operária fugiram em desespero para a República de além oceano, e os sonhos efêmeros de emancipação desapareceram diante de uma época de febre industrial, marasmo moral e reação política. A derrota das massas trabalhadoras do Continente, em parte devido à diplomacia do governo inglês, que agia, como agora, em solidariedade fraternal com o gabinete de São Petersburgo, logo espalhou seus efeitos contagiantes por toda a Grã-Bretanha. Enquanto a derrota de seus irmãos do Continente desvigorava as classes trabalhadoras inglesas e quebrava-lhes fé em seu próprio ideal, por outro lado restabelecia nos latifundiários e capitalistas sua confiança algo abalada. Estes insolentemente cancelavam concessões que haviam anunciado com tanto alarde. A descoberta de novas minas de ouro⁵ levou a um imenso êxodo, deixando um irreparável vácuo nas fileiras do proletariado britânico. Outros de seus membros anteriormente ativos foram atraídos pelo suborno temporário de mais trabalho e melhores salários, e converteram-se em “*political blacks*”. Todos os esforços feitos no sentido de manter, ou de remodelar, o movimento cartista, fracassaram notoriamente; os órgãos da imprensa operária desapareceram um atrás do outro diante da apatia das massas, e, efetivamente, nunca o operariado Inglês parecera aceitar tão completamente um estado de nulidade política. Portanto, se não houvera solidariedade de ação entre as massas trabalhadoras da Inglaterra e do Continente, havia, pelo menos, solidariedade na derrota.

Não obstante, o período transcorrido desde as revoluções de 1848 não deixou de apresentar aspectos compensadores. Assinalaremos aqui apenas dois grandes fatos.

Após uma luta de 30 anos, travada com notável perseverança, o operariado inglês,

5 As minas de ouro da Califórnia e da Austrália foram descobertas em 1848.

aproveitando uma ruptura momentânea entre os latifundiários e capitalistas, conseguiu que fosse aprovada a lei da jornada de dez horas. Os imensos benefícios físicos, morais e intelectuais que daí decorreram para os operários das fábricas, expostos semestralmente nos relatórios dos Inspectores das fábricas, são agora amplamente admitidos. A maioria dos governos do Continente teve que aceitar, em formas mais ou menos modificadas a lei inglesa do trabalho, e o próprio Parlamento Inglês tem anualmente que ampliar a esfera de ação desta lei. Mas além de seu significado prático, havia outros aspectos que realçavam o maravilhoso triunfo que foi essa medida para os operários. Através de seus mais conhecidos sábios tais como o dr. Ure, professor Sênior e outros filósofos do mesmo tope, a burguesia predissera e provara plenamente que qualquer restrição legal às jornadas de trabalho deveria arruinar a indústria inglesa. que, como um vampiro, só podia viver sugando sangue, inclusive o sangue das crianças. Nos tempos antigos, o assassinio de uma criança constituía um rito misterioso da religião de Moloch, mas era praticado apenas em ocasiões muito solenes, talvez uma vez por ano, e Moloch não demonstrava nenhuma preferência exclusiva pelos filhos dos pobres. Essa luta sobre a restrição legal da jornada de trabalho lavrava com tanto mais ardor quanto, além da avareza amedrontada, afetava de fato a grande luta entre o domínio cego das leis da oferta e da procura, conteúdo da economia política burguesa, e a produção social controlada pela previsão social, conteúdo da economia política da classe operária. Consequentemente, a lei da jornada de dez horas não foi apenas um grande êxito prático; foi a vitória de um princípio; pela primeira vez, em plena luz do dia, a economia política burguesa sucumbia ante a economia política da classe operária.

Mas o futuro nos reservava uma vitória ainda maior da economia política do operariado sobre a economia política dos proprietários. Referimo-nos ao movimento cooperativo, principalmente às fábricas cooperativas levantadas pelos esforços desajudados de alguns *hands*⁶ audazes. O valor dessas grandes experiências sociais não pode ser superestimado. Pela ação, ao invés de pôr palavras, demonstraram que a produção em larga escala e de acordo com os preceitos da ciência moderna, pode ser realizada sem a existência de uma classe de patrões que utilizam o trabalho da classe dos assalariados; que, para produzir, os meios de trabalho não precisam ser monopolizados, servindo como um meio de denominação e de exploração contra o próprio operário; e que, assim como o trabalho escravo, assim como o trabalho servil, o trabalho assalariado é apenas uma forma transitória e inferior, destinada a desaparecer diante do trabalho associado que cumpre a sua tarefa, com gosto, entusiasmo e alegria. Na Inglaterra, as sementes do sistema cooperativista foram lançadas por Robert Owen; as experiências operárias levadas a cabo no Continente foram, de fato, o resultado prático das teorias, não descobertas, mas proclamadas em altas vozes em 1848 .

Ao mesmo tempo, a experiência do período decorrido entre 1848 e 1864 provou acima de qualquer dúvida que, por melhor que seja em princípio, e por mais útil que seja na prática, o

6 Mãos, significa também Operário. (N. da E.)

trabalho cooperativo, se mantido dentro do estreito círculo dos esforços casuais de operários isolados, jamais conseguirá deter o desenvolvimento em progressão geométrica do monopólio, libertar as massas, ou sequer aliviar de maneira perceptível o peso de sua miséria. É talvez por essa mesma razão que, aristocratas bem intencionados, porta-vozes filantrópicos da burguesia e até economistas penetrantes, passaram de repente a elogiar *ad nauseam* o mesmo sistema cooperativista de trabalho que tinham tentado em vão cortar no nascedouro, cognominando-o de utopia de sonhadores, ou, denunciando-o como o sacrilégio de socialistas. Para salvar as massas laboriosas, o trabalho cooperativo deveria ser desenvolvido em dimensões nacionais e, conseqüentemente, incrementado por meios nacionais. Não obstante, os senhores da terra e os senhores do capital usarão sempre seus privilégios políticos para a defesa e perpetuação de seus monopólios econômicos. Em vez de promoverem, continuarão a colocar todos os obstáculos possíveis no caminho da emancipação do operariado. Recordai o desprezo com que, na última sessão, Lord Palmerston descartou-se dos defensores do Projeto referente ao Direito dos Posseiros Irlandeses. A Câmara dos Comuns, gritou ele, é uma câmara de proprietários de terras. Conquistar o poder político tornou-se, portanto, a tarefa principal da classe operária. E a classe operária parece ter compreendido isto, pois na Inglaterra, na Alemanha, na Itália e na França têm ocorrido ressurgimentos simultâneos, e esforços simultâneos estão sendo feitos para a reorganização política do partido operário.

Um elemento de êxito os trabalhadores possuem – número; mas os números só pesam na balança quando unidos pela associação e encabeçados pelo conhecimento. A experiência passada demonstrou como a negligência desse laço de fraternidade que deve existir entre os operários de diferentes países e incitá-los a mante-se firmemente unidos em todas as suas lutas pela emancipação, será castigada com o fracasso comum de seus esforços isolados. Esse pensamento levou os operários de diferentes países, reunidos a 28 de setembro de 1864, em ato público realizado em St. Martin's Hall, a fundarem a Associação Internacional.

Outra convicção prevaleceu naquela reunião.

Se a emancipação do operariado requer sua união fraternal, como poderão realizar essa grande missão com uma política exterior voltada para propósitos criminosos, tirando partido dos preconceitos nacionais e malbaratando o sangue e a riqueza do povo em guerras de pirataria? Não foi a prudência das classes dominantes, e sim a resistência heróica a sua loucura criminosa por parte do operariado da Inglaterra o que salvou a Europa ocidental de ser lançada em uma cruzada infame para a perpetuação e propagação da escravidão do outro lado do Atlântico⁷. A aprovação descarada, a compaixão fingida, ou a indiferença idiota com que as classes superiores da Europa têm presenciado a fortaleza montanhosa do Cáucaso ser subjugada, e a heróica Polônia ser assassinada

⁷ Referência à campanha enérgica desenvolvida pelos operários ingleses durante a Guerra Civil Americana, campanha essa dirigida contra as tentativas da burguesia Inglesa e francesa de organizar uma intervenção armada a favor dos Estados sulistas que sustentavam a escravidão. (N. da E.)

pela Rússia⁹; as imensas invasões, perpetradas sem resistência, por aquela potência bárbara, cuja cabeça está em São Petersburgo e cujas mãos se encontram em todos os gabinetes da Europa, ensinaram ao operariado o dever de dominarem eles próprios os mistérios da política internacional; de observarem a atuação diplomática de seus respectivos governos; de combaterem esta atuação, quando necessário, por todos os meios ao seu alcance; e quando impossibilitados de impedi-la, de se unirem em denúncias simultâneas, e afirmarem as leis simples da moral e da justiça, que devem governar as relações dos indivíduos, como as regras principais do intercâmbio entre as nações.

A luta por uma tal política externa faz parte da luta geral pela emancipação do proletariado.

Proletários de todos os países, uni-vos!

(Escrito por Marx de 21 e 30 de dezembro de 1864. Publicado em separata em inglês, em Londres, em novembro de 1864, e simultaneamente em alemão, no jornal *Social-Demokrat* de 21 a 27 de outubro de 1864.)